

**FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ**

**ROBSON SOUZA DOS SANTOS**

**DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS EM  
RELAÇÃO AO TEMA TRANSVERSAL ORIENTAÇÃO  
SEXUAL**

**AVARÉ - SP**

**2017**

**ROBSON SOUZA DOS SANTOS**

**DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS EM  
RELAÇÃO AO TEMA TRANSVERSAL ORIENTAÇÃO  
SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas das Faculdades Integradas Regionais de Avaré como exigência parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas sob a orientação da Profa. Dra. Karina Basso Santiago.

**AVARÉ - SP**

**2017**

*Dedico esse trabalho a você meu querido irmão Alexandre Souza dos Santos, sua falta sempre será constante, mas suas lembranças sempre estarão comigo, em memórias, creio que valeu cada esforço feito e valeu a pena tentar.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, por direcionar meus passos e ser o autor do meu destino.

A essa pessoa que esteve sempre presente em minha vida, minha mãe Marisa Pereira, minha rainha, obrigado pelo apoio e incentivo que para mim foi muito importante.

A minha família por acreditar sempre e mim, irmãos Roseli, Roselene, Aparecida, Alex Sandro, Rosemeire e Leandro, e sobrinhos, seus carinhos e dedicação me deram forças, e tive certeza de que não estava sozinho nessa caminhada.

A Deividi Pires pela paciência e capacidade de me compreender e ter me ajudado sempre, a dedicação constante de me ensinar, buscar sempre o melhor de mim, creio que sem você, hoje não estaria aqui.

E não podia deixar de expressar, a gratidão e amor que tenho por vocês Jair Pires e Aparecida de Fátima, vocês de certa forma me influenciaram e me ajudaram a estar onde hoje estou, muito obrigado pelo carinho e amor.

Agradeço imensamente minha orientadora Karina Basso Santiago, pela paciência que teve, e me orientou a concluir esse trabalho.

A todos os professores pela dedicação em ensinar e a paciência em transmitir seus conhecimentos, e pelos puxões de orelha, que acredito, valeu a pena.

E por fim agradeço as Faculdades Integradas Regionais de Avaré pelo excelente corpo docente e funcionários, que realizam um belo papel e de extrema qualidade.

*“Só o que é essencial fica na memória.”*

*Autor desconhecido.*

## DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS EM RELAÇÃO AO TEMA TRANSVERSAL ORIENTAÇÃO SEXUAL

Robson Souza dos Santos<sup>1</sup>

Karina Basso Santiago<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup> Faculdades Integradas Regionais de Avaré, Avaré-SP

<sup>2</sup> Instituto de Biociências de Botucatu - UNESP, Botucatu-SP

### RESUMO

Dentro da escola com o auxílio dos professores, a orientação sexual no ensino fundamental está cada vez mais presente, e é nessa fase que os alunos começam realmente a enxergar inúmeras mudanças em seus pensamentos, corpo, desejos, opiniões e demonstrações de personalidade. O objetivo do presente estudo foi levantar as possíveis dificuldades que os professores do ensino de Ciências/Biologia e seus alunos enfrentam ao abordarem e discutirem o tema sexualidade em sala de aula. Este trabalho foi realizado em duas etapas: uma com 7 professores do ensino de Ciências/Biologia que lecionam em escolas públicas e particulares, e outra com 35 alunos de uma escola pública do município de Avaré-SP. Foram aplicadas perguntas sobre características pessoais e dificuldades encontradas em relação ao tema. Estes questionários foram respondidos individualmente e os questionados não foram identificados por nome, apenas por idade e sexo. De acordo com nossos resultados, a maioria dos professores não teve qualquer tipo de capacitação sobre sexualidade e acreditam que é possível complementar as aulas com o auxílio de atividades dinâmicas, como teatro e uso da internet, favorecendo a prática pedagógica sobre o tema. Em relação aos alunos, suas conversas sobre sexualidade acontecem de diferentes maneiras, com alguns alunos conversando com seus professores, ou com outros procurando informações em meios de comunicação e internet. Observamos ainda que as meninas se mostram mais informadas sobre sexualidade e que existem tabus a serem enfrentados dentro de casa, com alunos tendo receio em falar sobre o tema com seus pais.

**Palavras-chave:** Orientação sexual, educação, dificuldades, tema transversal.

## 1. INTRODUÇÃO

Falar em sexualidade está se tornando bastante comum no nosso cotidiano, uma vez que podemos nos deparar quase todos os dias com o tema em mídias sociais e dentro de nossas casas através das televisões. Com esses meios de comunicação os adolescentes obtêm acesso às informações, algumas vezes superficiais, sobre o assunto, mesmo ainda sexualidade sendo um tabu no âmbito familiar (BORTOTTO, 2014).

Quando se fala sobre sexualidade, é sempre levantada a dúvida sobre a diferença entre orientação sexual e educação sexual. Os autores ALTMANN e MARTINS (2007) discorrem sobre essa diferença.

“[...] nos movimentos sociais e, de modo geral, na bibliografia internacional, orientação sexual é um termo utilizado para indicar qual o sexo (masculino ou feminino) pelo qual uma pessoa sente-se atraída ou elege como objeto de desejo e afeto [...]. Educação Sexual, por sua vez refere-se a práticas educativas que têm a sexualidade como tema.”

Porém, existe outra visão sobre orientação sexual, VALDIVINO (2006) classifica a orientação sexual como um processo sistematizado e formal que se propõe a completar as informações pré-existentes, erradicar preconceitos e tabus, assim como discutir sobre emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. VITIELLO (1997) segue a mesma linha afirmando que a orientação sexual é um mecanismo mais elaborado, que se baseia na experiência e conhecimentos do orientador para ajudar o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos. Ainda, segundo os PNCs, ao abordar o tema orientação sexual, deve-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, incluindo a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas (BRASIL, 1999). Aqui nesse trabalho o termo orientação sexual será tratado segundo essa visão de transmissão de conhecimento e não como opção sexual.

Dentro da escola com o auxílio dos professores, a orientação sexual no ensino fundamental está cada vez mais presente, e é nessa fase que os alunos começam realmente a enxergar inúmeras mudanças em seus pensamentos, corpo, desejos, opiniões e demonstrações de personalidade, muitas vezes é através dessa orientação no âmbito escolar que esse indivíduo irá buscar suas experiências e fazer suas escolhas (LIMA e ALMEIDA 2010).

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE (1998) relata que antigamente era comum a família ser a principal responsável por abordar esse assunto com seus jovens. Hoje, a família reivindica a orientação sexual nas escolas, ou por receio e preconceito sobre o tema ou por acreditarem que a escola e os professores sejam melhores preparados para esclarecer dúvidas principalmente sobre DSTs.

A criação do tema transversal "Orientação Sexual" nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é outro indício da inserção deste assunto no âmbito escolar. O objetivo desse tema transversal foi incluir o assunto sexualidade no cotidiano do aluno para poder orientá-lo e sanar suas dúvidas. Segundo os PCNs a escola deve trabalhar juntamente com a comunidade para que haja maior prevenção contra gravidez indesejada e contra o contágio das DSTs. Ainda os PCNs (1999) citam que, por ser um tema transversal, a orientação sexual deve ser condizente com diversas áreas, sendo abordado em qualquer disciplina.

"O profissional que se responsabiliza por esse trabalho pode ser um professor de qualquer matéria ou educador com outra função na escola (orientador educacional, coordenador pedagógico ou psicólogo, por exemplo). O importante é que seja alguém que tenha bom contato com os alunos e, portanto, um interlocutor confiável e significativo para acolher as expectativas, opiniões e dúvidas, além de ser capaz de conduzir debates sem impor suas opiniões. Não constitui pré-requisito que o professor seja da área de ciências (comumente associada à sexualidade), já que não se trata de abordagem predominantemente biológica da sexualidade." (BRASIL, 1999)

Porém de uma certa maneira contraditória os PCNs classificam a abordagem dessa temática como sendo de conhecimento especializado, o que muitas vezes acaba sendo interpretado como especialidade única do ensino de Ciências e Biologia.

"É necessário que o educador tenha acesso à **formação específica** para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema." (BRASIL, 1999)

Com base nos pré-requisitos, encontrados nos PCNs, que o educador deve possuir para a abordagem do tema, muitos profissionais se sentem inseguros em abordar sexualidade. Além da formação específica, ainda há outros entraves quando se trata de orientação sexual,

SILVA e CARVALHO (2005) em seu estudo afirmam que, segundo os educadores pesquisados, quando abordado o tema sobre orientação sexual com os alunos, eles próprios apresentam uma grande dificuldade, pois têm que superar o constrangimento e as crenças para lecionar essa temática.

Ainda, segundo CARDOSO *et al.* (2016), o professor precisa entender que a escola não é o único local de aprendizado sobre sexualidade, que esse assunto não se inicia e nem se finaliza no período escolar, tendo o professor que saber lidar com o conhecimento prévio do aluno sobre seu corpo e que propósito dá a ele, conhecimento este obtido por suas vivências. Este autor declara que é preciso que o professor saiba respeitar esse conhecimento e que, se necessário, faça questionamentos que levem o aluno a refletir sobre o assunto e talvez repensar sua posição.

Com relação às habilidades que os professores devem possuir MAROLA *et al.* (2011) afirmam que o correto seria os docentes receberem instruções e capacitações para lecionar esse tema tão complexo. Os autores afirmam ainda que sem essa capacitação os educadores, geralmente, só abordam fatores biológicos da sexualidade sem entrar nas questões sociais. Com toda essa complexidade referente ao tema sexualidade, alguns professores acabam negligenciando sua aplicação, ou simplesmente pulando para outros temas ou abordando de forma superficial sem ao menos sanar importantes dúvidas dos alunos.

## **2. OBJETIVO**

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi levantar as possíveis dificuldades que os professores de ensino de Ciências/Biologia e seus alunos enfrentam ao abordarem e discutirem o tema sexualidade em sala de aula.

## **3. MATERIAL E MÉTODOS**

Este trabalho foi realizado entre setembro e novembro 2017 em duas etapas: uma com professores do ensino de Ciências/Biologia que lecionam em escolas públicas e particulares, e outra com alunos de uma escola pública do município de Avaré-SP.

A primeira parte do estudo foi realizada com 7 professores do ensino de Ciências/Biologia que responderam a um questionário semiestruturado contendo 8 questões abertas (dissertativas). Essas perguntas foram elaboradas com o intuito de caracterizar os

participantes, identificar as dificuldades e desafios no trabalho com educação sexual bem como os temas que os docentes consideraram mais importantes (Anexo 1).

A segunda parte foi realizada com 35 alunos, entre meninas e meninos, do 8º ano da escola da rede estadual de ensino “Matilde Vieira” da cidade de Avaré-SP. O procedimento foi realizado na presença da professora em sala, sendo aplicado um questionário com duas partes em que a primeira continha 6 perguntas de caracterização dos alunos e sobre suas opiniões perante a liberdade de falar sobre sexualidade, e a segunda continha 6 questões abertas sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) (Anexos 2 e 3).

Os questionários foram respondidos individualmente e os questionados não foram identificados por nome, apenas por idade e sexo. Os dados foram transferidos para uma planilha do Excel e foram calculadas as porcentagens das respostas para análise e interpretação quantitativa. Os resultados estão apresentados em tabelas e gráficos para melhor compreensão dos mesmos.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste estudo foram entrevistados um total de 7 professores do ensino de Ciências/Biologia e 35 alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Avaré-SP.

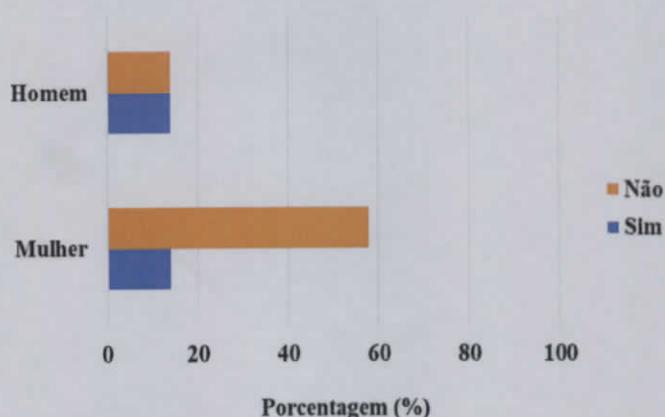
##### **4.1. PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO**

Primeiramente iremos apresentar os dados relacionados aos professores. Em relação ao gênero e idade, dos 7 professores participantes 5 (72%) eram mulheres e 2 (28%) homens, das mulheres 1 tinha entre 20-29 e 4 (58%) entre 40-49, e dos homens 1 tinha 30-39 e 1 tinha 50-59 anos (Gráfico 1).



**Gráfico 1** – Faixa etária distribuída dos professores participantes.

Em relação à formação, quatro professores entrevistados eram licenciados em biologia, um apenas citou ser biólogo sem especificar bacharel ou licenciado, um formado em ciências física, biológica e química e um citou apenas ter mestrado e doutorado. No questionário aplicado aos professores lhes foi questionado se haviam tido formação específica para educação sexual. Apenas dois professores afirmaram ter essa formação, um homem e uma mulher, portanto 72% dos professores dizem não possuir tal formação (Gráfico 2).



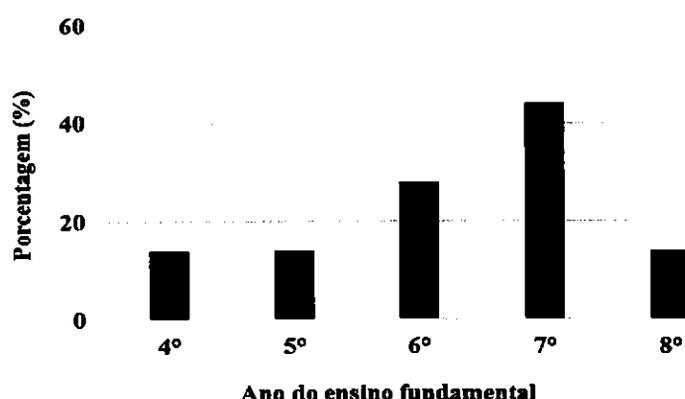
**Gráfico 2** – Porcentagem de professores que possuem formação em educação sexual.

Não houve um acordo entre os professores sobre o que seria essa formação, talvez por se tratar de um questionário com perguntas abertas. A maioria dos professores que responderam não possuir formação específica não consideraram a formação no curso de graduação como sendo suficiente, porém um dos professores que respondeu ter essa formação, considerou apenas a da sua graduação. O outro professor que também respondeu ter formação, apenas citou “capacitações”, sem especificar quais.

GADOTTI (2003) e ROQUE (2005) afirmam que o professor necessariamente não precisa ser especialista no assunto, mas sim um docente atualizado sobre educação sexual com uma metodologia diferenciada para que os alunos tenham interesse em compartilhar suas dúvidas, fazendo assim com que o professor se torne um mediador de conhecimentos. Para eles a escola passa a se tornar um grande aliado dos alunos utilizando uma educação preventiva na aprendizagem e assim entrando no universo de cada um deles.

Por outro lado, SOUZA *et al.* (2008) apontam que para lecionar educação sexual os educadores devem ter uma capacitação profissional específica com os melhores métodos de ensino, levando aos alunos uma abordagem diferenciada. Os PCNs também apontam ser necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade para alcançar uma postura profissional e consciente no trato desse tema (BRASIL, 1999)

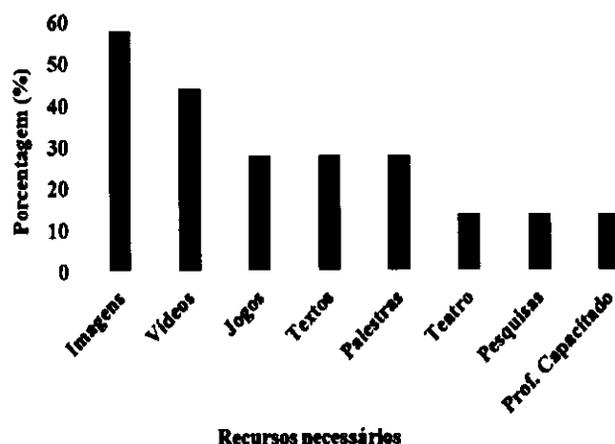
Outra questão levantada foi em relação à série mais adequada para iniciar o tema orientação sexual. Não houve um consenso entre os professores sobre o ano de iniciação, como podemos observar no Gráfico 3, 44% (3) dos professores concordaram que o 7º ano do ensino fundamental seria o ideal, porém também consideram como ideal o 8º ano e anos anteriores até o 4º ano.



**Gráfico 3** – Segundo os professores entrevistados, o ano mais adequado do ensino fundamental para se iniciar a orientação sexual.

Para a maioria dos professores em questão, os alunos do 7º ano têm mais maturidade, para o professor que citou o 4º ano, quanto antes iniciar melhor, e ainda um professor citou dois anos diferentes, 6º ano para regiões de periferia e 8º ano para locais com famílias mais estruturadas. Segundo ALBUQUERQUE e BRAGA (2009) alunos a partir de 5º ano do ensino fundamental deveriam ter um espaço específico para aprender e tirar todas as suas dúvidas sobre sexualidade.

Com relação aos recursos didáticos necessários, os professores responderam mais de um recurso cada. A maioria (58%) respondeu imagens como sendo importante, em segundo (44%) vídeos foram considerados de grande ajuda para a abordagem do tema, e em terceiro (29%) houveram outros materiais com igual importância como jogos, textos e palestras com profissionais capacitados. Também, poucos (14%) professores citaram que teatro, pesquisas na internet e professor capacitado é necessário para uma correta abordagem do tema (Gráfico 4).



**Gráfico 4** – Melhor recurso a ser utilizado para ensinar educação sexual.

Atualmente a educação sexual presente nas escolas é diferente de alguns anos atrás, onde as abordagens eram apenas através de materiais didáticos como livros e dicionários (RIOS e SANTOS, 2008). FONTES (2008) afirma que os materiais didáticos modernos têm como ideal ensinar os alunos a terem mais respeito com o próximo, tornando cidadãos mais conscientizados, pois essa nova didática mostra os contextos familiares mudados, diversidades étnicas, raciais e sexuais, o que algumas vezes faz com que esse material se torne alvo de grandes problemas com a sociedade e seus tabus.

FIGUEIRÓ (2001) retrata que o educador deve utilizar um trabalho de instrumentalização do educando, para que ele desenvolva mais seu conhecimento e tire suas dúvidas sobre esse tema tão polêmico, inserindo o educando a desenvolver o gosto pela leitura e fazendo do aluno um leitor no qual ele irá adquirir mais informações e aprenderá cada vez mais por toda sua vida.

Ao imaginarmos que alguns professores teriam facilidade em abordar o tema sexualidade e outros, maiores dificuldades, talvez devido à própria formação acadêmica, ou

ainda, à tabus e religião, questionamos os nossos entrevistados sobre quais dificuldades enfrentam ao iniciar o tema com seus alunos. Mais uma vez não houve concordância entre os professores sendo que 2 disseram não ter dificuldade alguma, 2 apontaram a falta de maturidade dos alunos como o principal entrave, deixando assim muitas vezes os professores sem ação e optando por não abordarem esse assunto. Um professor citou preconceito e falta de material didático, 1 falta de orientação em casa e 1 diferenças no conhecimento prévio dos alunos em uma mesma sala de aula (Gráfico 5).



**Gráfico 5** – Dificuldades apontadas pelos professores ao abordar o tema sexualidade.

Em seu trabalho na cidade de Jandira-SP, JARDIM E BRÊTAS (2006) apontaram que apenas 33% dos professores não possuíam dificuldade alguma em abordar esse tema com seus alunos, ao contrário SANTANA (2006) em sua especialização no ensino de ciências, retratou que a maioria dos docentes possuem uma grande falta de domínio sobre o assunto e dizem que tem bastante dificuldade para lecionar sobre sexualidade.

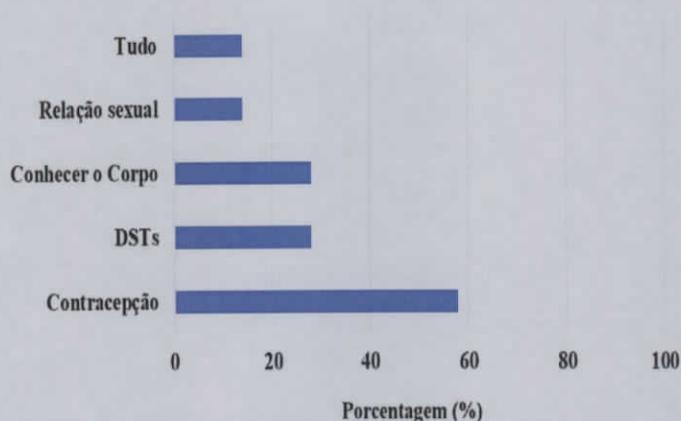
Ainda em relação às dificuldades, perguntamos aos professores se algum assunto relacionado ao tema orientação sexual seria mais dificultoso ao lecionar. Como apresentado na Tabela 1, três professores disseram não achar nenhum tema difícil de ensinar, enquanto que os outros professores (4) apontaram um assunto cada como: prevenção de DSTs, concepção, masturbação e homossexualidade, sendo esses dois últimos devido talvez à preconceitos ainda existentes na nossa sociedade.

**Tabela 1-** Temas apontados como os mais difíceis na orientação sexual.

<b>Assunto</b>	<b>Número de professores</b>
<b>Prevenção de DSTs</b>	1
<b>Concepção</b>	1
<b>Masturbação</b>	1
<b>Homossexualidade</b>	1
<b>Nenhum</b>	3

Para FIGUEIRÓ (2001) os professores possuem uma grande insegurança e preocupação quando vão lecionar esse tema com seus alunos, pois eles independente de sua formação no magistério ou licenciatura não possuem uma aprendizagem adequada que os permita se sentir à vontade com os temas trabalhados dentro da educação sexual e assim explorar as dúvidas pertinentes dos alunos.

Após observarmos diferentes dificuldades entre os professores, os questionamos sobre qual assunto, dentro da temática, eles consideram de extrema importância e que não pode ser deixado de abordar. Interessantemente, dois assuntos considerados mais difíceis são também considerados de suma importância pelos professores: concepção e DSTs. A maioria (58%) apontou a concepção, ou contracepção, o assunto mais importante a ser abordado, por orientar os jovens que podem praticar sexo sem prejudicar suas vidas com algum tipo de doença ou gravidez. Em segundo (29%) vieram as DSTs e o conhecimento sobre o corpo, assuntos esses que nessa fase da adolescência geram muitos conflitos consigo mesmo, além de curiosidade. De fato, quando o tema transversal entrou nos PCNs, as principais preocupações na época eram o número crescente de gravidez indesejável entre os adolescentes e o contágio de DSTs. A relação sexual também foi apontada nesse estudo, por um professor, como sendo importante na orientação sexual, e um professor relatou considerar todos os assuntos extremamente importantes, sem classificação (Gráfico 6).



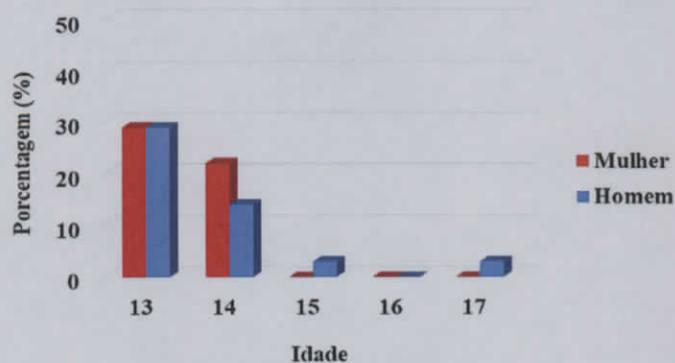
**Gráfico 6** – Qual principal tema a ser trabalhado em sala de aula.

MAMPRIN (2009) diz que nas escolas os professores quando abordam sobre educação sexual só lecionam temas como métodos contraceptivos e conceituação biológica, deixando de lado vários outros assuntos importantíssimos a serem explorados junto com seus alunos, como os conflitos por questões de gêneros e também sociais.

Nesse estudo além de tentar conhecer as dificuldades dos professores com o tema sexualidade, também fomos investigar as dificuldades dos alunos frente a esse tema. Os dados referentes aos alunos estão apresentados no item seguinte.

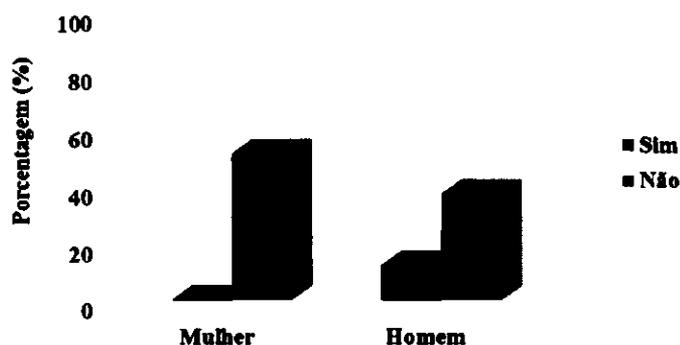
#### 4.2. ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Como já dito anteriormente, 35 alunos do 8º ano do ensino fundamental da escola da rede estadual de ensino “Matilde Vieira” da cidade de Avaré-SP participaram do presente estudo. Do total de alunos, 18 (51%) eram meninas e 17 (49%) meninos, 20 (58%) tinham 13 anos, 13 (36%) tinham 14 anos, 1 (3%) 15 anos e 1 (3%) tinha 17 anos (Gráfico 7).



**Gráfico 7** – Faixa etária distribuída por gênero dos alunos participantes.

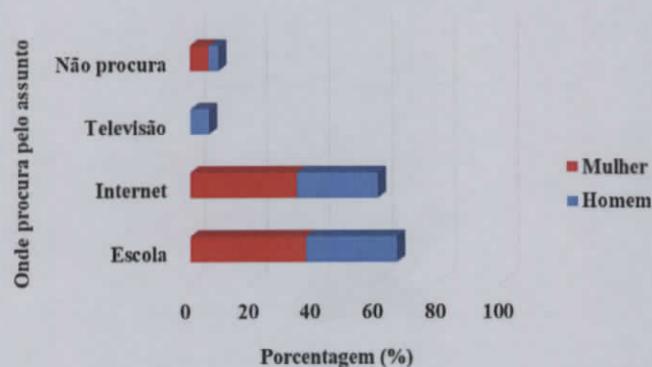
Dando continuidade à caracterização dos alunos e para avaliarmos seu grau de experiência, perguntamos se já haviam praticado sexo ao menos uma vez. Conforme dados apresentados no Gráfico 8, nenhuma menina havia relatado ter experiência sexual, já entre os meninos, 4 (12%) já tiveram relação sexual e 13 (37%) não tiveram contato nenhum com a prática sexual.



**Gráfico 8** – Mostra quantos alunos iniciaram a vida sexual.

Esses dados são curiosos, pois sabe-se que os jovens estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo. De acordo com BORTOTTO (2014), a explicação para tal comportamento deve-se à ausência dos pais que têm dedicado mais tempo ao mercado de trabalho, deixando de acompanhar o desenvolvimento dos filhos. Estes, ao estarem longe dos pais, ficam grande parte do dia em contato com a televisão, sendo, conseqüentemente, bombardeados por cenas sexuais, vendo o sexo como algo banal e desenvolvendo cada vez mais cedo seu interesse pelas atividades sexuais sem ter consciência do verdadeiro valor da sexualidade humana.

Quando o assunto é educação sexual, a maioria dos alunos possui inúmeras dúvidas e acaba procurando alternativas fora da escola para a busca de possíveis respostas. Assim, com a grande variedade de meios para se buscar informações sobre sexualidade, questionamos os alunos onde eles buscam informações para sanar suas dúvidas e curiosidades. Podemos observar no Gráfico 9 que tivemos mais de uma resposta por aluno, 66% (23) dos alunos entre meninos e meninas, buscam informações dentro da escola mesmo, 60% (21) pesquisam sobre sexualidade na internet. Apesar de fazer parte do dia a dia dos alunos, 2, apenas meninos, sanam suas dúvidas através de programas de televisão e 3 não se interessam pelo tema e não procuram sobre.

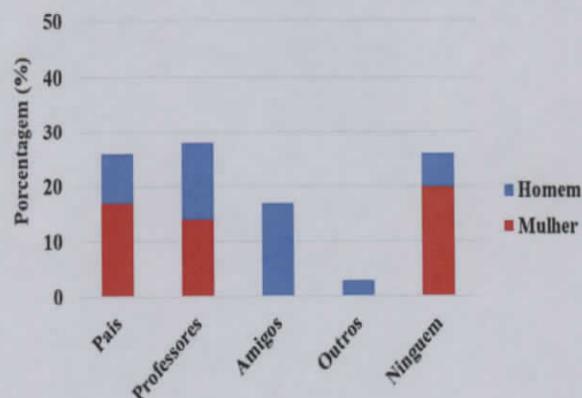


**Gráfico 9** – Onde os alunos procuram pelo assunto

Segundo BORTOTTO (2014) o tema sexualidade é rotineiro em nosso dia-a-dia principalmente em mídias sociais e através das televisões. Para MIGUEL e TONELLI (2007) um dos grandes causadores dos adolescentes serem orientados incorretamente é uso das mídias sociais e programas televisivos.

Quando falado sobre sexualidade, também temos que analisar quem geralmente os adolescentes procuram para conversar mais a fundo. Conforme dados obtidos, os mais procurados são os professores, 28% do total dos alunos os procuram, pois infelizmente muitas vezes os tabus dentro dos lares são persistentes ou a família não sabe lidar com o conflito que se passa nessa faixa etária.

Porém, as meninas conversam mais com os pais (17%) do que com os professores (14%). Já os meninos conversam mais com os amigos (17%) do que com os professores (14%) e com os pais (9%). As meninas relataram não conversar com amigos ou outras pessoas e ainda a maioria disse que não conversa com ninguém (20%), já apenas 6% dos meninos não falam com ninguém e 3% falam com outras pessoas (Gráfico 10).



**Gráfico 10** – Quem os alunos procuram para conversar sobre sexualidade

Para ALBUQUERQUE E BRAGA (2009) a família, mesmo nos dias de hoje, é despreparada e tem um determinado receio em abordar sobre sexualidade com seus filhos, deixando essa obrigação com a escola, muitas vezes por acreditarem que ela os direcionará ao melhor caminho.

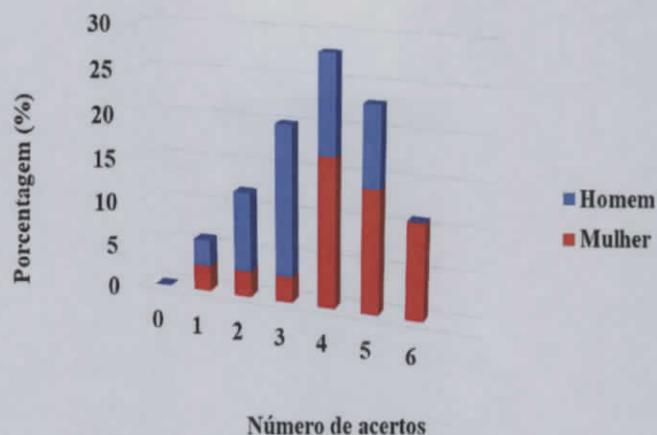
Ainda em relação a conversar sobre sexualidade, perguntamos se os alunos se sentem a vontade em falar com os pais ou com os professores. Das 18 meninas entrevistadas 10 se sentem à vontade em falar com os pais, justificando ter intimidade com os pais e 10 também não tem problemas em falar com os professores, por entenderem mais do assunto. E dos 17 meninos 11 conversam com os pais mais a vontade, também por ter intimidade, por serem confiáveis ou ainda pelos pais precisarem saber de tudo, e 13 com professores, por não terem vergonha, e assim como as meninas por sentirem que os professores sabem mais. (Tabela 2).

**Tabela 2-** Os alunos se sentem à vontade para falar de sexo com os pais ou professores?

	<b>Mulher</b>		<b>Homem</b>	
	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
<b>Pais</b>	10	8	11	6
<b>Professores</b>	10	8	13	4

As meninas que disseram não se sentirem confortáveis para falar com os pais, justificaram não ter idade ou por sentirem vergonha, já os meninos por terem vergonha ou pelos pais não darem abertura para o assunto. Em relação aos professores, tanto as meninas quanto os meninos que não se sentem à vontade, dizem achar estranho conversar com eles, por não serem íntimos e já conversarem com os pais, não precisando conversar com mais ninguém.

Por fim, foi aplicado um questionário (Anexo 3) sobre doenças sexualmente transmissíveis, após os alunos terem a aula sobre o assunto. Esse assunto foi apontado tanto como um dos difíceis, quanto o segundo mais importante pelos professores. De acordo com o Gráfico 11, podemos observar que as meninas (42%) acertaram mais questões, entre 4 a 6, do que os meninos (20%). Por consequência, os meninos (29%) erraram mais, entre 1-3 acertos apenas, do que as meninas (9%).



**Gráfico 11** – Número de alunos (%) que responderam corretamente às questões sobre DSTs.

Dentre as questões que os alunos responderam errado, se destaca com mais número de erros a questão sobre a existência de vacinas contra as DSTs, onde os alunos responderam que há uma vacina contra o HIV. A segunda com mais número de erros foi a questão se os alunos conheciam algum tipo de tratamento para DSTs, mais uma vez os alunos responderam sobre as vacinas, errando o conceito de tratamento e de prevenção.

## 5. CONCLUSÃO

De acordo com nossos resultados, podemos observar que a maioria dos professores não teve qualquer tipo de capacitação sobre sexualidade. Podemos também observar que os professores acreditam que é possível complementar as aulas com o auxílio de atividades dinâmicas, como teatro e uso da internet, favorecendo a prática pedagógica sobre o tema.

Ao analisar a pesquisa feita com os alunos, observamos que suas conversas sobre sexualidade acontecem de diferentes maneiras, com alguns alunos conversando com seus professores, ou com outros procurando informações em meios de comunicação e internet. A respeito de seus conhecimentos sobre os tipos de doenças sexualmente transmissíveis e as possibilidades de prevenção, observamos que as meninas se mostram mais informadas sobre estes assuntos. Porém, ainda observamos que existem tabus a serem enfrentados dentro de casa, com alunos tendo receio em falar sobre o tema com seus pais.

Assim, esta pesquisa contribuiu para mostrar que uma formação específica em sexualidade se mostra necessária para que os professores abordem esse conteúdo em sala de aula. No entanto, as barreiras que impedem que todos os alunos se sintam à vontade para

conversarem sobre os diferentes temas da sexualidade tanto na escola quanto em casa ainda precisam ser derrubadas.

## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, R. L.; BRAGA, E. R. M. **Sexualidade e adolescência nas 5ª séries**. 2008. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2273-8.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

ALTMANN, H; MARTINS, C. J. **Políticas da Sexualidade no Cotidiano Escolar**. In: CAMARGO, A. M. F; MARIGUELA, M. (Orgs.) **Cotidiano Escolar—emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007. pp.131-149.

BORTOTTO, L. F. P. **Estudo sobre o tema sexualidade com os alunos do ensino fundamental na EMEF “Adirce Cenedeze Caveanha”**. 2014. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Ensino de Ciências, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. Disponível em: <[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4340/1/MD\\_ENSCIE\\_2014\\_2\\_52.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4340/1/MD_ENSCIE_2014_2_52.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2017.

CARDOSO, F. A.; SILVA, A. J. F.; SILVA, P. S. **Uma análise dos PCN orientação sexual dezoito anos depois**. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Curitiba. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/a/article/viewFile/321/322>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2.ed. Londrina: UEL, 2001.

FNDE - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – **Orientação Sexual**. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/web/pcn/05\\_08\\_orientacao.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/pcn/05_08_orientacao.pdf)> Acesso em: 02.nov.2017

FONTES, M. **Ilustrações do silêncio e da negação: a ausência de imagens da diversidade sexual em livros didáticos**. Psicologia Política, São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia Política, v. 8, n. 16, p. 363-378, 2008.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido – SP**. Instituto Paulo Freire; 2003. Disponível em: [http://www.paulofreire.org/Moacir\\_Gadotti/Livros/gadotti\\_livros\\_boniteza.htm](http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Livros/gadotti_livros_boniteza.htm)

JARDIM D.P.; BRÊTAS J.R.S.; **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 59, n. 2, p. 157-162, 2006.

LIMA, E.; ALMEIDA, G. B. **Educação Sexual e Práticas Pedagógicas**. 2010. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco. Disponível em: <<http://www.unicap.br/colquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Colp.723.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

MAROLA, C.A.G.; SANCHES, C.S.M.; CARDOSO, L.M. **Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências**. Psicologia da Educação, n. 33, p. 95-118, 2011.

MAMPRIN, A. M. P. **A Importância da Educação Sexual na Escola para prevenção de conflitos gerados por questões de gênero**. 2009. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Programa de Desenvolvimento Educacional – Pde da Secretaria Estadual de Educação do Paraná–Seed., Londrina. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1940-8.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

MIGUEL, R. B. P.; TONELLI, M. J. F. **Adolescência, sexualidade e Mídia: uma breve revisão da Literatura nacional e internacional.** *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2, p. 285-293, 2007.

SANTANA, C. C. P. **Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania,** 2006. Monografia (Especialização no Ensino de Ciências). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.nebad.uerj.br/publicacoes/monografias/orientacao\\_sexual.pdf](http://www.nebad.uerj.br/publicacoes/monografias/orientacao_sexual.pdf). Acesso em: 14 nov. 2017.

SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. **O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo da sexualidade na vivência das professoras.** *Revista Ciência e Educação*, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

SOUZA, M.M. *et al.* **Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia - GO.** *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 460-471, 2008.

RIOS, R.; SANTOS, W. **Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático.** *Psicologia Política*, São Paulo: ABPP, v. 8, n. 16, p. 325-344, 2008.

ROQUE F. **Educação sexual.** Lisboa; 2005. Disponível em: <http://profviseu.com/pessoal/FRoque/EduSexual>. Acesso em: 14 nov. 2017.

VALDIVINO, J. O. **A orientação sexual e sua importância no contexto escolar,** 2006. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Supervisão Escolar. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/378/212>. Acesso em: 14 nov. 2017.

VITIELLO, N. **Sexualidade: Quem educa o educador.** São Paulo: Iglu, 1997.

## ANEXO 1

### QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

– Qual sua idade e sexo?

---

– Qual sua formação? Quanto tempo de formado?

---

– Você tem alguma formação em educação sexual?

---

---

– Qual série seria melhor para iniciar a discussão sobre sexualidade? Por que?

---

– Quais recursos didáticos são necessários para trabalhar o tema sexualidade?

---

---

– Quais as principais dificuldades que os professores enfrentam ao trabalhar o tema sexualidade?

---

---

– Qual assunto é mais dificultoso sobre o tema sexualidade?

---

---

– Qual assunto é importante abordar sobre o tema sexualidade?

---

---

## ANEXO 2

### QUESTIONARIO DESTINADO AOS ALUNOS - PARTE I

– Qual sua idade e sexo?

---

---

– Você pratica sexo? Se pratica sexo, usa camisinha? Possui um único parceiro sexual?

---

---

– Onde você procura se informar sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis (Internet, revistas, livros, Tv, na escola)? Por que?

---

---

---

– Com quem você conversa sobre sexo?

---

---

---

– Você se sente à vontade para conversar sobre sexo com seus pais? Por que?

---

---

---

– Você se sente à vontade para conversar sobre sexo com seu(a) professor(a)? Por que?

---

---

---

### ANEXO 3

#### QUESTIONARIO DESTINADO AOS ALUNOS - PARTE II

– Quais são os sintomas de uma doença sexualmente transmissível?

---

---

---

– Como se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis?

---

---

---

– Existe cura para doenças sexualmente transmissíveis? Se sim, para todas?

---

---

---

– Existem vacinas para doenças sexualmente transmissíveis? Se sim, para quais?

---

---

---

– Você conhece algum tratamento para doenças sexualmente transmissíveis? Se sim, quais?

---

---

---

– Pessoas infectadas pelo HIV (Aids), que não apresentam sintomas, podem transmitir a doença? Por que?

---

---

---